

# Brasília quer se tornar pólo tecnológico

**Batizado de Capital Digital, projeto reunirá cerca de 1 mil empresas de tecnologia**

ISABEL SOBRAL

**B**RASÍLIA – Construída há 44 anos para ser a sede do governo do País, Brasília se prepara agora para se tornar uma capital digital. A produção de softwares avançados que permitem a identificação biométrica (feita por meio de partes do corpo das pessoas) para dar acesso a edifícios, a movimentação de contas bancárias nos caixas eletrônicos 24 horas e a administração online de cartões de crédito parece não ter nenhuma relação com as estruturas frias da administração pública. Mas a proliferação na cidade de empresas voltadas para tecnologia, tendo o governo federal como seu maior cliente, motivou o projeto de criação de um parque tecnológico batizado de Capital Digital.

A proposta, encabeçada por empresários do setor no Distrito Federal, com apoio do governo local e de pesquisadores universitários, é criar um parque singular no País, que reúna no mesmo espaço a pesquisa, a produção e a comercialização dos produtos de informação. “Esse é um setor que parece com a cidade porque não gera poluição e incentiva o potencial de criação das pessoas”, diz o presidente do Sindicato das Indústrias da Informação (Sinfor) do DF, Antônio Fábio Ribeiro.

A idéia é reunir, em uma área de 120 hectares, próxima à região central de Brasília, já reservada para o futuro pólo, as cerca de 1 mil empresas de tecnologia da informação existentes na cidade. Um protocolo de intenções foi assinado em março deste ano entre representantes do governo do Distrito Federal, entidades do setor e univer-

sidades, e as obras devem começar em outubro.

Segundo o Sinfor, desse universo empresarial, cerca de 88% são microempresas, 11% são pequenas e médias e apenas 1% são consideradas grandes empresas, com mais de 500 funcionários e faturamento anual superior a R\$ 200 milhões em 2001. Desse conjunto de empresas surge projetos inovadores a cada dia, que têm despertado a atenção internacional.

**China** – Na semana passada, um grupo de deputados e empresários chineses esteve em Brasília para estreitar contatos. A Fóton Informática, especialista na criação de software de automação bancária, foi uma das visitadas. “Com a abertura a economia chinesa, eles precisam se equiparar a outros países

ção. “O projeto nasceu de uma aliança entre governo, academia e iniciativa privada e não será apenas um local de aglomerado de empresas, mas um centro de criação e comercialização do que for criado”, explica o consultor do projeto, Roberto Spolidoro. Existem outros pólos espalhados pelo Brasil, lembra o consultor, citando um em Curitiba (PR) e outro em São Leopoldo (RS).

Spolidoro aposta na atração de empresas e pesquisadores estrangeiros para o Brasília. O pontapé inicial para isso será dado em setembro, quando ocorrerá em Bérnago, na Itália, a XXI Conferência Mundial de Parques Tecnológicos e o projeto brasiliense será apresentado à comunidade de cientistas e empresários da tecnologia da informação.

no quesito segurança bancária, por exemplo, e nisso nós no Brasil temos alguma expertise”, afirma o diretor de Assuntos Corporativos da empresa, Cláudio Gontijo. Incluída no rol das companhias médias, a Fóton projeta faturar R\$

14 milhões este ano e emprega 130 pessoas.

A Politec, que faturou R\$ 430 milhões em 2004, é outro exemplo dessa inserção no mercado mundial. A empresa desenvolveu um software que permite a identificação de uma pessoa pela íris, usado pelo Federal Bureau of Investigation (FBI), a polícia federal americana. Para o diretor de Assuntos Internacionais da companhia, Humberto Ribeiro, a instalação do parque tecnológico vai impulsionar a expansão do setor e incentivar uma “saúdável concorrência”. “É o que chamamos de efeito teia: aproximar a concorrência forçará o aumento da qualidade e todos terão ganhos de escala”, diz Ribeiro.

O parque Capital Digital quer se destacar dos demais existentes no País pela concep-

21 JUN 2004

**Aproximar a concorrência forçará o aumento da qualidade, e todos terão ganhos de escala**

**Humberto Ribeiro, diretor de Assuntos Internacionais da Politec**